



Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB
Diretoria Executiva Nacional
Gestão 2014-2016

XVIII Encontro Nacional de Geógrafos
24 a 30 de julho de 2016 - São Luís/MA
A construção do Brasil: geografia, ação política e democracia.

TERCEIRA CIRCULAR

Na 124ª RGC, realizada entre os dias 10 e 12 de outubro, na cidade de Catalão/GO, foram definidas as ementas dos eixos temáticos do XVIII ENG. As Mesas Redondas (MRs) que devem compor cada um desses eixos serão definidas na próxima Reunião de Gestão Coletiva da AGB que ocorrerá em São Paulo/SP, entre os dias 29 e 31 de janeiro de 2016 (125ª RGC). Conjuntamente serão definidas as diretrizes para a produção de trabalhos dos Espaços de Diálogos e Práticas (EDPs) e as áreas gerais/eixos temáticos para mais esta atividade do encontro.

1. EMENTAS DOS EIXOS TEMÁTICOS DO XVIII ENG:

A produção social do Brasil e a construção de suas geografias.

A produção do espaço, condicionada pela aceleração contemporânea e pela fragmentação das relações que marcam esta fase globalizada do capitalismo, admite múltiplas leituras, resultantes das diversas possibilidades de apreensão desse processo. Coloca-se, como ponto de partida, a necessária análise do modo de produzir acadêmico. A realidade brasileira contemporânea propõe desafios ao pensamento que exigem a crítica e a superação de um empreendedorismo acadêmico enraizado na universidade. Este processo passa pela valorização do conhecimento geográfico produzido ao apontar perspectivas teórico-metodológicas que permitam a construção de um conhecimento concreto sobre o presente. Assim, buscamos refletir sobre teoria e método; ciência geográfica; epistemologia da geografia; história do pensamento geográfico; categorias filosóficas aplicadas à geografia; história dos saberes geográficos; referenciais teóricos e metodológicos que orientam práticas políticas.

Ação política, lutas sociais e representação: por um outro projeto de sociedade.

A dominação que legitima a sociedade capitalista é conhecida: aquela do homem sobre a natureza, que se converte na dominação do homem sobre o homem. Se a ação política é a ação transformadora que intervêm no curso da história para mudar o seu rumo e sentido, desvendar as motivações ocultas atrás das ações de lutas sociais difusas e tornadas invisíveis é urgente para a construção de um outro projeto societário que rompa com a leitura hegemônica, incapaz de incorporar os sentidos populares da ação. São projetos elaborados com os códigos da competitividade, do consumismo e do individualismo. Pelo contrário, outros projetos vêm sendo construídos pela resistência dos oprimidos a partir de seus valores culturais, estratégias de vida e experiência popular. O pensamento operacional e a ação instrumental de projetos fracassados encontram oposição nas práticas sociais que são construídas nos lugares.

Estado, capital e poder: geografia política do Brasil.

Configura-se uma nova geopolítica mundial nesse início de século, por isso a afirmação do “retorno da geopolítica”. Ela não é movida apenas por conflitos territoriais entre Estados, essa nova geopolítica é enredada pela reorganização do capitalismo em escala mundial. Todos os conflitos pela hegemonia mundial implicam em novas arquiteturas políticas e territoriais que, em sua face

mais perversa, alimentam crises, conflitos, guerras e deslocamentos em massa, atingindo todas as regiões e lugares. De fato, as lutas e as políticas dos povos não são travadas apenas no plano das ideias, mas especialmente no plano do território e da competição pelo uso de seus recursos, por isso é urgente uma reflexão aprofundada sobre a geopolítica dos Estados e das grandes empresas que estão sob a hegemonia do capital financeiro. Desvendar a natureza geográfica do poder, mais que apresentar suas formas geográficas, é o objetivo da geopolítica para a compreensão das múltiplas formas de dominação.

Questão agrária: conflitos, tensões e projetos

As disputas teóricas e metodológicas em torno à questão agrária continuam atuais e merecem investimento reflexivo. Questões relacionadas à luta pela terra e pelo território, que envolvem múltiplos sujeitos sociais tais como os camponeses, os indígenas e os quilombolas compõem os debates acadêmicos e políticos sobre um outro projeto para o campo brasileiro, do qual decorrem importantes pesquisas científicas. Em confronto com esse projeto histórico, o agronegócio se consolida tanto em sua vertente científica e tecnológica, com significativos avanços na pesquisa e desenvolvimento, quanto na dimensão política, na medida em que seus representantes se confundem com o próprio Estado.

As transformações no mundo da Educação: educar para que Brasil?

As atuais políticas educacionais desdobram-se no sentido de formar o novo trabalhador flexível, impondo um saber-fazer articulado às mudanças tecnológicas do processo de globalização e às transformações do mundo do trabalho. No contexto brasileiro, as transformações apontam para a formação de um Sistema Nacional de Educação em sintonia com o atual Plano Nacional de Educação (PNE), onde os mecanismos nacionais de avaliação e de reforma curricular assumem centralidade e destacam-se pela valorização de competências e habilidades. Nesse sentido, como a Geografia brasileira irá se posicionar frente a pautas diretas que surgem nesse horizonte, como a Base Nacional Comum e a reforma do Ensino Médio? E qual professor(a) estas políticas projetam?

Disputas cartográficas nas dimensões do poder

A cartografia continua sendo um importante instrumento de poder na delimitação do espaço e em sua representação, tendo como agentes especialmente as grandes empresas e o Estado. É fundamental questionar a natureza da análise espacial e do mapa no presente momento histórico, a partir do processo de valorização das tecnologias da informação. Neste sentido, a leitura da cartografia como técnica, linguagem e/ou ciência manifesta uma das faces desta disputa, que retira do debate o uso do mapa em relações de poder. Aliada a essa vertente, emergem cartografias voltadas para lutas e conflitos sociais e para a ação social. São cartografias orientadas para transformações, para as quais as escalas não são anódinas, mas mediações fundamentais a explicitar. São formas alternativas de representação das situações sociais que autorizam mapear os lugares, mas principalmente os contextos e as práticas dentro de suas temporalidades, buscando os sentidos da ação. Essa cartografia é um avanço para as lutas sociais, mas é interrogada na medida em que seus resultados, localizando os sujeitos sociais, podem ser apropriados pelo poder hegemônico.

Para transformar o Brasil: raça e gênero nos debates geográficos

Historicamente a produção científica lastreou as opressões por raça e gênero, o que teve forte influência na construção da sociedade e também da geografia brasileira, naturalizando valores hierarquizantes que condicionam corpos e mentes. Apenas nos últimos anos, as discussões relacionadas a gênero, raça e sexualidade vêm sendo incluídas no pensamento geográfico sob uma



Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB
Diretoria Executiva Nacional
Gestão 2014-2016

perspectiva de crítica a essas opressões. Repensar a geografia a partir de perspectivas anti-hierárquicas, pressupõe o diálogo com novos paradigmas para compreender tais relações como elementos constituintes de práticas do espaço geográfico. Dessa forma, como a geografia pode contribuir para, ao compreender, combater a reprodução do racismo, do machismo e da homolesbotransfobia na produção do espaço e da educação?

A urbanização brasileira: que cidade queremos?

O atual ciclo de expansão do capitalismo com sua progressiva financeirização da economia global, vem desdobrando novas estratégias do uso, valorização e gestão do urbano, amalgamando este aos interesses do mercado e com isso transformando sua estrutura em diversas cidades do mundo. No Brasil, a questão urbana – produto de um passado colonial ainda decorrente - vem reproduzindo as principais contradições estruturais da nossa sociedade, se inscrevendo nos espaços das cidades, marcadas pela desumanização, segregação e sujeição social. Do cotidiano da cidade praticada, emanam forças que tensionam a produção do espaço urbano, por meio da luta pelo direito à cidade e a democratização do espaço urbano, tais como questões de mobilidade, habitação e genocídio da juventude negra. Frente a este complexo processo, é necessário revisar possibilidades, limitações e o sentido de nossas leituras e metodologias de compreensão da cidade e do urbano. Como a nossa práxis de geógrafos permite que avancemos nessas lutas? Que cidade queremos?

Geografia, crise ambiental e desenvolvimento econômico.

O desenvolvimento econômico capitalista é o motor da crise ambiental em todas as escalas. A história da produção capitalista é a história do não reconhecimento de limites físicos, químicos e orgânicos do planeta. Isto se capilariza por todos os espaços na forma da destruição da natureza, entendida como materialidade e cultura dos povos. Múltiplas são as escalas da crise ambiental. Problemas estruturais como o desmatamento de vastas extensões de vegetação nativa, extinções de espécies, o tratamento de resíduos sólidos nas cidades, a poluição dos corpos d'água e as ocupações em encostas, entre outros, provocam a degradação sistemática da vida e aprofundam a cisão entre natureza e cultura. Não se trata apenas da ruptura de barreiras físicas, possibilitadas pelas inovações tecnológicas, mas de rupturas em práticas historicamente vinculadas às culturas dos povos. Cabe questionar como a geografia pode contribuir para a transformação do atual modelo de desenvolvimento econômico. Qual é a importância de se tratar de forma crítica sociedade e natureza? Qual(is) é (são) a(s) natureza(s) estudada(s) na geografia?

São Paulo, 30 de outubro de 2015.

AGB - Diretoria Executiva Nacional – 2014/2016